

Participação dos estudantes na Conferência Municipal de Saúde de Londrina/PR: espaço de construção e significação da cidadania para além da academia

Autores: Felipe Assan Remondi^{1,3}, Thalita da Rocha Marandola³, Célia Maria da Rocha Marandola³, Cristhiane Yumi Yonamine¹, Evelin Muraguchi², Fernanda de Souza Leite³, Franieli da Silva Nunes³, Renato José Francisco³, Susana Jussara de Oliveira³, Janaína Bassega de Oliveira³, Rodrigo França¹, Adriana Ferreira Oliveira³, Silas Oda³.

Resumo:

Introdução

A Constituição Federal de 1988 ao incorporar as principais propostas da VIII Conferência Nacional ocorrida em 1986, criou o Sistema Único de Saúde (SUS) com propósito de promover a justiça social e superar as desigualdades na assistência à saúde da população de forma gratuita aos cidadãos brasileiros. Rompeu assim com um sistema público de saúde para poucos, de caráter médico-hospitalar, na qual a centralização e a responsabilidade federal inibiam a participação popular, com a saúde definida apenas como a ausência de doenças.

A participação social no sistema público de saúde se dá essencialmente através do Controle Social, pelos Conselhos e Conferências de Saúde. São nesses espaços que ocorre a fiscalização e a condução das políticas de saúde nas três esferas de governo – federal, estadual e municipal. Com propósitos diferentes, porém complementares aos Conselhos, as Conferências de Saúde representam espaços decisivos para a participação da sociedade na definição e na avaliação da política pública de saúde.

Atualmente na Universidade Estadual de Londrina (UEL) nota-se um crescimento do interesse dos estudantes universitários sobre as políticas públicas de saúde, levando a busca da participação efetiva nas discussões relacionadas à saúde da população. Nesse propósito surge Liga da Saúde da Família e Comunidade (LASF), fundada em novembro de 2007 por estudantes dos cursos de graduação de enfermagem, fisioterapia, farmácia e medicina com apoio do Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESCO).

Dentre as ações desenvolvidas pela LASF estão atividades teóricas com discussões e reflexões de temas ligados a saúde da família e comunidade (políticas, estratégias e programas) que regem a Atenção Primária de Saúde do país, além das ações de extensão junto à população. Os princípios norteadores dessa entidade são: o rompimento da fragmentação de saberes; o trabalho em equipe e a convergência de conhecimentos que visam à construção de uma assistência integral ao ser humano, partindo do núcleo familiar.

Com a realização da 11ª Conferência Municipal de Saúde de Londrina a LASF, junto ao Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes) - núcleo Londrina, articularam-se para participar do espaço como forma de propiciar aprendizado político aos estudantes, para qualificar as discussões da conferência e contribuir em sua organização.

Objetivos

Relatar as experiências pessoais vivenciadas por acadêmicos dos cursos de enfermagem, fisioterapia e farmácia que participaram da 11ª Conferência Municipal de Saúde de Londrina ocorrida em outubro de 2009, inicialmente como monitores e em seguida como delegados representando a LASF e o Cebes – núcleo Londrina, pelo seguimento de usuários.

¹ Cebes Londrina, Centro Brasileiro de Estudos da Saúde - Núcleo Londrina,

² UEL/COLMED, Universidade Estadual de Londrina - Colegiado de Medicina,

³ LASF, Liga Acadêmica de Saúde da Família e Comunidade.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, a qual possibilita compreender a percepção dos sujeitos com relação ao momento vivenciado. Foram incluídos no estudo todos os estudantes que participaram da Conferência e aceitaram relatar sua percepção.

O relato da percepção quanto à vivência da Conferência se deu por meio eletrônico (e-mail) a partir de questões norteadoras: Como foi sua trajetória até chegar a Conferência Municipal? Como você se sentiu participando deste movimento popular? Foi possível vivenciar o SUS na prática, descrito nas bases teóricas? O que representou a você ser delegado e ter direito a voto?

Os relatos foram agrupados conforme as respostas, sendo analisados por blocos de temas conforme seu conteúdo simbólico sem a utilização de uma metodologia específica. Os resultados foram relatados em conforme sua interpretação e *ipsis litteris*, preservando-se os nomes dos participantes.

Resultados

A participação da LASF e do Cebes – núcleo Londrina se deu por meio de três processos: 1) com propostas enviadas a pré-conferências, seguimento usuários e trabalhadores; 2) enquanto monitores, auxiliando na organização da Conferência (relatoria e sistematização) e 3) enquanto observadores ou delegados do evento.

Do total de alunos participantes tanto nas pré-conferências (usuários e trabalhadores), quanto na Conferência Municipal de Saúde, 80% eram do sexo feminino, com a faixa etária entre 18 e 37 anos de idade, dos cursos de graduação da área de saúde da UEL. Houve predomínio dos alunos de enfermagem, seguida da farmácia e fisioterapia.

Os principais sentimentos despertados durante a vivência referem-se a responsabilidades, poder de decisão, surpresa, reflexão e aquisição de conhecimentos: *“(...) a responsabilidade é maior. Por fazer parte de um grupo que está ajudando a construir o SUS. (...) poder votar, decidir sobre as propostas discutidas. (...) me senti um pouco apreensivo devido ao fato de enxergar a oportunidade de representar o segmento de usuários como delegado tendo direito a voz e a voto como uma responsabilidade muito grande que exige conhecimento e postura”, “(...) surpresa, não tinha a noção da consciência e conhecimento que as pessoas (usuários principalmente) tem de sua própria importância sobre a organização e meios de conseguir melhorias de saúde e qualidade de vida para si e para os demais”, “(...) boa experiência para eu criar novas visões e refletir sobre futuras mudanças no sistema de saúde, foi bom pelo fato de conhecer e aplicar melhor meus conhecimentos na prática e ainda acrescentar a eles, base para eu agir em prol de mudanças também”.*

A participação no evento possibilitou aos estudantes vivenciar o SUS na prática, melhorando a compreensão da teoria sobre a temática e motivando-os a construir o SUS: *“(...) não há melhor forma de aprender os princípios organizativos do SUS se não na prática. Tudo o que lemos em artigos e livros não tem o mesmo significado do que estar conversando com usuários, gestores, prestadores e trabalhadores que vivem o SUS. Agora entendo de que forma a participação social e a descentralização ajudam a consolidar o sistema de saúde brasileiro”, “(...) me senti participando ativamente do SUS, não só por ter sido delegada, mais pelo fato de ter participado como uma usuária do SUS. (...) pude assimilar o que é o SUS, unindo teoria e prática em parte, (...) foi válido sentir que nós podemos muita coisa”, “Considero essa participação como um momento único, um espaço de aprendizagem, no qual pude perceber como se dava a relação entre os participantes (gestores, servidores, profissionais de saúde e usuários).”*

As fragilidades do potencial participativo de uma comunidade foi percebida e, segundo os relatos, é decorrente da falta de estrutura, da pouca participação, da fraca densidade representativa, entre outras. Sendo esta uma preocupação dos acadêmicos que foi evidenciada no seguinte relato: *“É preciso fazer um movimento maior para que todos os cidadãos conheçam de perto o SUS, sejam da área da saúde ou não. É um “descuidado” permitir que esse movimento só seja conhecido quando por ventura se faz uma faculdade na área da saúde, como no meu caso, por exemplo.”*. Neste sentido, é encontrado na literatura que, para satisfazer as necessidades de saúde da população é imprescindível a participação organizada dos grupos sociais, assim como o reconhecimento e o estímulo das potencialidades da comunidade, os quais tem contribuído para qualificação e redefinição das relações sociais.

Se por um lado a boa participação dos estudantes universitários como delegados foi uma conquista, por outro nos revela a pouca participação da comunidade, pois as vagas obtidas pelos alunos decorreram da ausência da população, ou seja, do seguimento de usuários. Além disso, a baixa compreensão deste seguimento reforça a ideia de pouca participação, conforme relato: *“Percebi certa defasagem na participação dos usuários e por vezes um desinteresse absoluto dos presentes em “brigar” pelas propostas, que foram sendo aprovadas em meio a um tumulto gerado por vários motivos (...)”*. Desde 1988 alguns autores já apontavam que o ponto de partida das conferências não tem sido a mobilização popular e sim o credenciamento das organizações populares para participar da conferência com direito à indicação de delegados, conforme foi relatado, determinando um processo muitas vezes sem conteúdo ou relevância popular em suas discussões.

Considerações finais

A participação dos estudantes no espaço representou um momento de significação e aprendizado ímpar à vida de cada um. Perpassando a compreensão do que é e como se dá o SUS na prática foi possível vivenciar minimamente suas dificuldades e desafios, apontando para a necessidade de se despertar cada vez mais o senso de cidadania na comunidade.

Mais do que isso, é fundamental estimular iniciativas que transcendam os muros e currículos das escolas, tornando capaz que cada estudante compartilhe experiências cidadãs, dando significado e poder crítico a suas formações, que ainda se mantém estritamente teóricas e, por mais avançadas que sejam no discurso, ainda distantes dos anseios populares.

Faz-se necessário, portanto, que o processo de democratização do estado se aprofunde, garantindo maior e melhor participação da sociedade brasileira na construção das políticas públicas e na consolidação dos direitos sociais historicamente adquiridos, porém ainda muito longe de serem compreendidos ou praticados.